

DIOCTOPHYME RENALE (GOEZE, 1782) (NEMATODA, DIOCTOPHYMIDAE) EM CÃES DE RUA DA REGIÃO DE TAUBATÉ (SÃO PAULO, BRASIL).

FLÁVIO LUIZ DE SOUZA JÚNIOR* ELCÍAS BERNARDO DE PÁDUA**

RESUMO

Em 32 cães de rua da região de Taubaté, Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, a percentagem de infestação por *D. renale* foi de 28,1%.

Dentre os 16 *D. renale* encontrados, 8 machos e 8 fêmeas, tivemos: 9 no rim direito, 6 na cavidade peritoneal e 1 na região subcutânea.

O comprimento máximo de helminto macho foi de 37,0 cm e o de fêmea 68.5 cm, ambos provenientes da cavidade peritoneal de um mesmo cão.

INTRODUÇÃO

A mais antiga menção de que *Dioctophyme renale* (Goeze, 1782) existe no Brasil parece ser a de Diesing⁴, quando em 1850 referiu material recolhido por Natterer de necropsias realizadas em carnívoros da fauna brasileira autóctone, o lobo Guará (*Canis jubatus*) e o furão (*Grison vittatus*). Tal menção, que antecede à descrição da espécie, feita por Goeze 32 anos mais tarde, é evidência bastante para deixar patente a importância da mesma em

nosso país, ainda que Pinto¹¹ a tivesse em conta de rara entre nós. Tal noção de raridade não foi compartilhada por muitos outros pesquisadores brasileiros entre os quais Rocha et al.¹², que consideram a dioctofimíase muito frequente em cão doméstico e a encontraram em parasitismo até em mamífero da Amazônia, dendrícola e vegetariano estrito, o *Choloepus didactylus* Linnaeus, 1758. A importância de *D. renale*, não se restringe entre nós à patologia veterinária, tendo Lisboa⁷ referido caso humano bem comprovado como autóctone, caso esse que se acrescenta a outros 11 de dioctofimíase humana registrados na literatura internacional, segundo Faust².

Neste trabalho apresentamos observações sobre dioctofimíase canina na região de Taubaté, Estado de São Paulo.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram necropsiados 32 cães de rua, sem raça definida, sendo 11

* Auxiliar de Ensino do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo.

** Biologista da CETESE — Companhia Estadual de Tecnologia de Saneamento Básico e de Defesa do Meio Ambiente.

machos e 21 fêmeas, de idade variando de 1 a 8 anos, todos fornecidos pelo Depósito Municipal de Taubaté. Tais cães permaneciam em canil coletivo até serem necropsiados. Os animais foram sacrificados por electrocussão.

Os exemplares de **D. renale** encontrados foram medidos e a seguir conservados em solução de formol-glicerina (5% de formol e 5% de glicerina, em água).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 32 cães necropsiados, 9 deles estavam parasitados por **D. renale** o que nos dá uma percentagem de 28,1%. Dos helmintos encontrados, 8 eram fêmeas e 8 machos.

A diotofimíase, embora mencionada como pouco frequente em cães em nosso meio, por Pinto¹¹, foi referida por Dacorso F⁹ & col.³; Giovannoni & col.⁵; Gonçalves & cols.⁶; Monteiro⁸, sendo que Rocha et al.¹² consideram comum a diotofimíase canina no Estado de São Paulo. Pacheco et al.¹⁰, necropsiando 50 cães provenientes da cidade de Botucatu, São Paulo, encontraram 6 deles, ou 12%, infestados por **D. renale**. Esta percentagem é bem inferior à por nós encontrada (28,1%). De acordo com Correa¹ — “A parasitose é constatada tanto nos animais como no homem, nas populações ictiófagas, pois que os peixes constituem um dos hospedeiros intermediários do helminto”.

Para apresentação de nossos achados quanto a sexo, localização, comprimento do helminto e

número relativo de cães infestados, montamos a Tabela I.

Observamos na Tabela I um caso de **D. renale** em localização anormal, alojando-se na região subcutânea, formando uma bolsa do lado esquerdo do pênis de um animal.

Uma cadela expulsou pela uretra, após violentos esforços, com muitos ganidos indicativos de sofrimento, um exemplar de **D. renale** medindo 47,0 cm de comprimento: no mesmo animal, após necropsia, foi encontrado outro exemplar de helminto medindo 44,0 cm, no rim direito. Situação comparável na espécie humana foi descrita por Lisboa⁷, referente a eliminação do helminto por via uretral em uma senhora maranhense de 54 anos de idade.

Curiosamente, o maior exemplar macho e a maior fêmea foram encontrados na cavidade peritoneal de um mesmo cão.

SUMMARY

DIOCTOPHYME RENALE (GOEZE, 1782) (NEMATODA, DIOCTOPHYMIDAE) IN STREET DOGS FROM TAUBATÉ REGION (SÃO PAULO, BRAZIL).

32 street dogs were captured in Taubaté, São Paulo and after necropsy the authors found 9 dogs (28,1%) parasitized by 16 **Diectophyme renale**: 9 in the right kidney, 6 in the peritoneal cavity and 1 under the abdominal skin.

The maximum size was 37,0 cm for the male sex and 68,5 cm for the feminine sex and both these specimens were found in the abdominal cavity of one of the dogs.

One female **D. renale** that was about 47,0 cm in length, was sponta-

TABELA I

INFORMAÇÕES QUANTO A NÚMERO, SEXO E TAMANHO DO HELMINTO E A PROPORÇÃO DE CÃES DE RUA DA CIDADE DE TAUBATÉ PARASITADOS POR D. RENALE

Localização do verme	Número de cães parasitados	Número de parasitas	Helmintos		Tamanho do parasita — cm —			
			Macho	Fêmea	Mínimo		Máximo	
					Macho	Fêmea	Macho	Fêmea
RD	5	9	3	6+	15,0	16,5	31,5	62,0
RE	0	0	—	—	—	—	—	—
CP	3	6	4	2	29,0	68,5	37,0	68,5
BSC	1	1	1	—	12,0	—	12,0	—
TOTAL	9	16	8	8				

+ — Um dos exemplares foi expelido

RD — Rim Direito

RE — Rim Esquerdo

CP — Cavidade Peritoneal

RSC — Região Subcutânea

neously passed by a female dog during the night; another female worm 44,0 cm in length was found in the right kidney of the same host.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CORREA, O. — 1971 — Doenças parasitária dos animais domésticos. 2ª. edição. Porto Alegre, Sulina — 1971.
2. CRAYG & FAUST — 1974 — Parasitologia Clínica. 1ª. edição. Salvat Editores, México — 1974.
3. DACORSO Fº, P. & col. — 1954 — Sobre a infestação e lesões anatómopatológicas por *Diocotophyme renale* (Goeze, 1782) em cães. *Vet.* 8 (2): 35.
4. DIESING, C. M. — 1965 — Systema Helminthum. Vindobonae 1850, v.z.p. 328, in Rocha, U.F. et al.
5. GIOVANNONI, A. & A. MOLFI — 1960 — O *Diocotophyme renale* (Goeze, 1782) no Brasil. *An. Fac. Med. Univ. Paraná.* 3 (1-2): 99-104.
6. GONÇALVES, P.C.; BARROS. S.S. & SIQUEIRA, C.S. — 1961 — Sobre a presença de *Diocotophyme renale* (Goeze, 1782) no Rio Grande do Sul. *Rev. Fac. Agron. Vet. Porto Alegre,* 4 (1): 44-49.
7. LISBOA, A. — 1945 — Estrongilose renal humana. *Brasil Médico,* 11-13: 101-102.
8. MONTEIRO, A.C. — 1934 — Estrongilose no cão. *Bol. Vet. Exército,* Rio. 1 (8): 191.
9. MORAES, A.F. — 1937 — Mais uma observação do *Diocotophyme renale*. *O Campo.* 8 (93): 70.
10. PACHECO, H.C.; CIRNE, B.R. & CORREA, W.M. — 1965 — Diocotofimíase em cães na região de Botucatu, São Paulo. *Arq. Inst. Biol. São Paulo,* 32: 1-6.
11. PINTO, C. — 1945 — Zoo-parasitos de interesse médico e veterinário. 2ª. edição — Editora Científica. Rio.
12. ROCHA, U.; SERRA, R.G.; GRECHI, R. — 1965 — Parasitismo por *Diocotophyme renale* (Goeze, 1792) em "preguiça". *Choloepus didactylus* Linnaeus, 1758. *Rev. Fac. Farm. Bioquim. São Paulo.* 3 (2): 325-334.